Um debate sobre a mídia
Rodrigo Fonseca

Delirante no campo da narrativa, inventando e brincando de inventar maneiras de deixar o espectador surpreso diante de uma trama a princípio esdrúxula, Confissões de uma mente perigosa é colírio para os olhos, com sua fotografia cheia de experimentações e chiliques histéricos próximos ao videoclipe, mas com a velocidade ajustada para dar vazão à reflexão. Fora isso, com ironia fina e espaço para a adrenalina dos enredos policialescos, a produção é farra para o peito dos espectadores que já não agüentam mais ver a pasteurização de histórias de suspense e ação que, sem receber tratamento sólido, têm descambado para a comédia pastelão. Enfim, trata-se de uma vitória para George Clooney, um ator preocupado em construir uma trajetória séria, que prova ser tão bom atrás das câmeras quanto na frente delas.

Mas a discussão em torno de Confissões de uma mente perigosa não pode se reduzir à rasgação de seda sobre a figura de Clooney. Até porque seu filme abre espaço para um debate contundente sobre a mídia, usando como pretexto a figura de um panteão da indústria do entretenimento televisivo nos EUA: o apresentador e produtor Chuck Barris.

Entre os teóricos que se debruçaram sobre a televisão, o francês Jean Baudrillard associou, de forma curiosa, o termo simulacro à sua definição para aquilo que é produzido e vendido como biscoito fino pelo veículo de massa que se tornou força dominante no século 20. Em suas análises, mais do que funcionarem como um bezerro de ouro, uma efígie de barro a ser adorada, os simulacros e simulações da TV se arvoram o discurso da verdade e se encarregam de fazer desaparecer o pensamento, amparados no poder da banalização. Segundo Baudrillard, nos tempos da ditadura da telinha, valores são depredados pela proliferação excessiva e descontrolada da imagem.

Difícil saber se suas teses são conceitos frágeis ou não. Mas que Confissões de uma mente perigosa atira nesta mesma direção, não há como negar. Até porque há uma frase que abre A transparência do mal, um dos melhores livros de Baudrillard, que ilustra com perfeição a saga espiã de Chuck Barris: ''É melhor viver pelos extremos que padecer pelas extremidades''.

No roteiro do brilhante Charlie Kaufman (de Quero ser John Malkovich e do injustiçado Adaptação), Barris é um homem no extremo das potencialidades da vida. Mais do que uma versão gringa de Silvio Santos, tirando leite de pedra de uma televisão afoita por sucessos de público, ele brilhou absoluto no celeiro da aventura, matando homens maus (leia-se comunistas, na visão da CIA), rodando o mundo com uma arma na mão e seduzindo pilhas de mulheres. Ele encarna, assim, o modelo 007 de ser que há tempos atiça a imaginação do público masculino.

Aí repousa a grande sacada de Clooney na direção. Ao abordar os relatos de Barris (vivido por um Sam Rockwell impecável) com um tom que lembra uma história em quadrinhos, tamanho é o tom mirabolante de suas peripécias, o ator/cineasta acabou conseguindo relativizar aquilo que seu personagem conta com uma verve séria.

Nessa perspectiva, Clooney empresta ao que poderia ser uma comédia de ação um quê de paródia, de falsidade, que coloca no terreno da ambigüidade tudo o que é visto. Em outras palavras, faz um simulacro. O simulacro de uma ficção. E não poderia ser diferente, já que uma viagem pela evolução histórica da TV está no escopo de sua câmera. O pulo do gato aí foi fazer uma narração que apenas reforça o que a televisão parece ser: ilusão pura, nada mais.

Para além de seu virtuosismo na condução de uma trama que equilibra bem humor e tensão, apelando para a sensualidade sempre que precisa, Clooney foi feliz ao montar seu time de atores. Os amigos Brad Pitt e Matt Damon aparecem numa ponta divertida. Já Julia Roberts se esforça na pele da femme fatale e faz bonito. Mas o peito acelera mesmo quando o sumido Rutger Hauer, o

vilão existencialista de Blade Runner, entra em cena, num bom papel. Oportunidade que há anos ele não tinha.

Jornal do Brasil - 09/05/2003